

Covas vence disputa para líder do PMDB na Constituinte

Da Sucursal de Brasília

O senador paulista Mário Covas, 56, elegeu-se ontem líder do PMDB no Congresso constituinte, derrotando o deputado Luiz Henrique (SC), 47, líder do partido na Câmara, apoiado pelo presidente Nacional do PMDB, do Congresso constituinte e da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães. Luiz Henrique renunciou a este cargo logo após ter sido derrotado, mas voltou atrás, e a decisão sobre a liderança do PMDB na Câmara só deverá ser anunciada hoje. O presidente José Sarney, através de seu porta-voz, Frota Neto, elogiou o nível da disputa pela liderança do PMDB, e disse que Mário Covas, por sua vivência política, deverá dar grande contribuição ao Congresso constituinte.

Covas obteve 143 votos contra 107 dados a Henrique, quatro brancos e um nulo. Para se eleger, precisava de 153 votos (51% da bancada, composta por 305 constituintes). As 16h25, quando Ulysses anunciava a falta de quórum e convocava nova eleição, Luiz Henrique subiu à tribuna e, dizendo que o resultado era "inequívoco", propôs a eleição de Covas por aclamação. "Votamos no futuro e nas mudanças", disse, "e continuaremos navegando juntos".

O plenário do auditório Nereu Ramos começou a aplaudir. Covas, emocionado, disse que não teria condições de falar. O deputado Fernando Henrique (PMDB-PE) falou em seu nome. "Covas subiu à tribuna e disse que as palavras não são feitas agora, por toda uma história", disse. "Covas disse que sua eleição era uma reafirmação dos compromissos do PMDB com o país e o povo — e não conseguiu falar mais nada".

O senador foi acusado a um canto pelos repórteres, enquanto Ulysses, que se opusera a ele, dizia que era "uma grande emoção, saudá-lo" e lembrava sua atuação como líder do então MDB, entre 1967 e 1968, e sua cassação "pela tirania e pelo arbítrio", em 1969. No meio do tumulto os repórteres que entrevistavam Covas e de Ulysses que queriam abraçá-lo, o convocou. "Com

prazer e honra", para uma reunião em seu gabinete. Covas levou mais de uma hora e meia para chegar até a sala de Ulysses, sendo abraçado e beijado nos corredores. Numa das numerosas entrevistas que concedeu, voltou a dizer que defende quatro anos de mandato para Sarney, admitindo que esse prazo poderá ser ampliado para cinco mediante acordo político.

O discurso feito por Covas, antes da eleição, ajudou a mudar a maré a seu favor. Enquanto Luiz Henrique, até então considerado favorito, proclamava as "conquistas" do PMDB no Congresso constituinte, Covas fazia o discurso contrário, referindo-se aos três cargos que acumulava — presidente do Congresso constituinte, da Câmara e do partido.

A estratégia de Covas foi simples e eficiente, catalizando, em seu discurso, as sucessivas frustrações e a contínua falta de orientação do partido em todos os debates no Congresso constituinte. Para ele, a soberania não deveria ter sido negociada, e o líder do partido no Congresso constituinte não deveria ter assento no Conselho Político do governo. Foi quando começaram os aplausos.

Covas pediu a democratização das estruturas partidárias, lembrou que a Constituinte fora instalada sem que o partido tivesse uma proposta de regimento interno e nem uma posição diante dos principais problemas da futura Constituição, como o debate entre parlamentarismo e presidencialismo. Homenageou os notáveis do partido, como Martins Rodrigues, Edgard da Matta Machado, Pedroso Horta, Tancredo e Ulysses. Lembrou também Rubens Paiva, "cujo osso — afirmou — só agora estão sendo recolhidos". Terminando, o de cargos por Ulysses.

Os defensores de Covas calculavam que ele seria derrotado por uma margem de vinte ou trinta votos. O discurso, a atuação do presidente Sarney e a insatisfação da bancada contra a falta de orientação partidária e o centralismo de Ulysses, inverteram a situação. A votação se estendeu até 16h. Quando a urna foi aberta, Covas saiu na frente. E ficou assim até o fim.



O senador paulista Mário Covas fala na tribuna da Câmara após ser eleito líder do PMDB no Congresso constituinte

Luiz Henrique suspende renúncia

Surpreso pela derrota para Mário Covas, na disputa pela liderança do PMDB no Congresso constituinte, a primeira reação do deputado Luiz Henrique foi dizer que renunciaria à sua função de líder do partido na Câmara dos Deputados, conforme prometera antes. "Sou homem de uma palavra só, é pra valer" — disse, abatido, após a vitória de Covas. Um apelo feito em seguida pelos vice-líderes do partido, entretanto, poderá fazer o deputado mudar de ideia.

O apelo foi feito no início da noite, num reunião com cerca de trinta deputados, no gabinete de Luiz Henrique. No final, uma curta nota assinada por dez deputados dizia que a bancada do partido reafirma sua "confiança" em Luiz Henrique, pedindo sua permanência como líder na Câmara. O próprio senador Mário Covas declarou que também faria apelo semelhante. A decisão ficou para hoje, e será anunciada às 16h, numa entrevista coletiva convocada por Luiz Henrique.

Cedendo ao apelo dos deputados, Luiz Henrique ficará em dificuldades para explicar suas declarações nos últimos dias. Há mais de um mês, ele reafirmava sua confiança na vitória sobre Covas dizendo que renunciaria imediatamente à liderança na Câmara se fosse derrotado. "Não vou ser um líder de um carro e um gabinete" — dizia.

Ontem, ainda após a eleição, Luiz Henrique fez declarações parecidas. Disse que não tinha sentido continuar como líder na Câmara, pois "a Câmara estará hibernando" durante o Congresso constituinte. Ou seja, na prática o líder de fato do partido seria o líder de fato do partido. E reafirmou que cumpriria sua palavra. O apelo dos deputados, porém, adiou a decisão para hoje. Há um problema prático. Se Luiz Henrique renunciar, o partido terá necessariamente que preencher o cargo com nova eleição para líder e vice-líder na Câmara.

Ulysses diz que já sabia do resultado da votação

O presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, 70, disse ontem que há dois dias sabia que o senador Mário Covas venceria a disputa pela liderança do partido no Congresso constituinte. Apesar dos elogios que fez a Covas, Ulysses deixou o auditório Nereu Ramos — onde foi feita a votação — sem cumprimentar pessoalmente o senador paulista pela vitória.

"Saúdo vossa excelência como o líder do PMDB na Constituinte, como líder da liberdade, o líder da transformação, o líder da democracia, o meu líder. Estou à disposição de vossa excelência para as tarefas e as incumbências que a sua liderança entender que eu deva desempenhar", afirmou Ulysses em seu discurso. Disse admirar Mário Covas desde os tempos em que ele foi líder do MDB, em 1968, e afirmou que seu nome

figura entre "aqueles que lutaram contra a tirania no Brasil".

O presidente do PMDB, da Câmara e do Congresso constituinte admitiu que o discurso de Mário Covas ajudou-o a vencer. "Foi um discurso à altura da competência do senador", afirmou. Ele não considerou duro o pronunciamento. "Recebo as críticas de Covas como uma demonstração democrática", declarou.

Ulysses disse que o deputado Luiz Henrique não deve renunciar à liderança do PMDB na Câmara. Lembrando que o senador Fernando Henrique Cardoso é líder no Senado, disse que juntamente com Mário Covas, os três poderão trabalhar "em mutirão". Para o presidente do PMDB, a vitória do senador paulista significa a vitória do "espírito constituinte".

Covas temeu não ser cassado pelo AI-5

TADEU AFONSO
Enviado especial do Brasil

Falar clara e respeitosamente, sem as manhas do político profissional que nunca se compromete com nada ou promete e não cumpre. E essa é a marca registrada do senador Mário Covas, além do eterno cigarro apagado e pendurado na boca depois de um enfarte, em plena campanha eleitoral, em julho do ano passado.

Assim, nos idos de 68, ele era um dos poucos interlocutores respeitados e ouvidos pelo presidente da Federação dos Estudantes de Brasília, Honestino Guimarães, militante da radical e maoísta Ação Popular.

Covas chegava até a escondê-lo da polícia, embora não escondesse as divergências que tinha com o movimento estudantil (Honestino integra hoje a lista dos presos políticos "desaparecidos").

Como líder do então MDB, Covas articulou a resistência na Câmara ao pedido do governo para processar o deputado Márcio Moreira Alves, acusado de insultar as Forças Armadas, ainda em dezembro de 68. Quando viu que o pedido seria derrotado e que uma crise militar era iminente, Covas procurou os líderes da Arena. Queriu adiar a votação do pedido para fevereiro ou março de 69, quando os ânimos estariam esfriados. Os arenistas não o ouviram e o

resultado foi o que se viu: veio o Ato Institucional nº 5 (AI-5). Na madrugada de 13 de dezembro de 1968, fez questão de ser o último a abandonar a Câmara, num silencioso gesto de resistência à ditadura que se instalara. Chegou até a temer não

ser cassado. Achava que o governo poderia tentar humilhá-lo não cassando seu mandato enquanto punia centenas de emedebistas e opositores do regime.

Cassado em fevereiro de 69, Covas voltou à vida privada. Retornou à política discretamente, em 1974, a chamado de Oscar Pedrosa Horta, que liderava o partido. Em 81, começava a organizar o PMDB em São Paulo. Dois anos depois, era prefeito nomeado de São Paulo.



O presidente José Sarney

Sarney comemora a vitória do senador com seus assessores

O presidente José Sarney, 56, festejou ontem, com assessores próximos, a vitória do senador Mário Covas (SP) sobre o deputado Luiz Henrique (SC), na disputa pela liderança do PMDB no Congresso constituinte. Ao contrário do deputado Ulysses Guimarães, que preferia Luiz Henrique, Sarney torcia por Covas, por considerá-lo melhor "preparado" para conduzir a bancada peemedebista.

Desde que foi eleito, com Covas de oito milhões de votos, Mário Covas vem merecendo elogios de Sarney, não só pela votação expressiva que teve mas pelo que o presidente chama de "coerência do discurso" do senador, que tem afirmado: "O PMDB tem responsabilidades com a Nova República".

Com relação a Luiz Henrique, o ânimo de Sarney não é o mesmo. "Não posso me conformar. Metade da bancada do PMDB é liderada pelo Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) e a outra metade pelo José Lourenço (PFL-BA)", disse o presidente a um de seus ministros. A intenção do presidente é aproximar-se de Covas. Sarney se ressentia da falta de sustentação parlamentar ao seu governo no Congresso Constituinte e quer pedir a ajuda de Covas, para convencer a bancada do PMDB das suas "responsabilidades com o governo".

Quércia defende afastamento da presidência do partido

Da Reportagem Local

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, 48, quer que o deputado federal Ulysses Guimarães licencie-se da presidência nacional do PMDB, cargo que acumula com as presidências do Congresso constituinte e da Câmara dos Deputados. "Está falando tempo para o comando do partido. Talvez fosse aconselhável que o presidente do partido reconhecesse isso e o vice-presidente pudesse assumir", afirmou Quércia, citando a disputa pela liderança do Congresso constituinte entre o senador Mário Covas (PMDB-SP) e o deputado Luiz Henrique (PMDB-SC) como exemplo de problemas que poderiam ser vitados com uma agilização do comando.

As 19h40, o assessor de imprensa do governador paulista, Carlos Rayel, transmitiu a opinião de Quércia sobre a escolha de Covas para a liderança do Congresso constituinte. "Ótimo, se o Ulysses não tivesse votado nele, fiquei muito satisfeito. E o reconhecimento do Congresso ao senador não votado", disse Rayel, por tele-

fone. Exatas duas horas antes, em entrevista, no Palácio dos Bandeirantes (zona sul paulistana), Quércia afirmou: "Espero que Covas seja escolhido".

Durante a entrevista, o governador paulista afirmou que o Diretor Nacional do PMDB deveria se reunir para escolher um novo vice-presidente para substituir Ulysses. O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, está impedido de continuar na 1ª vice-presidência e o governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, na 2ª vice-presidência. "Ele deve pedir uma licença, enquanto estiver na presidência do Congresso constituinte", declarou Quércia.

A coordenação do escritório de representação de São Paulo em Brasília será feita pelo administrador de empresas Jair José Cizoto, ex-assessor de gabinete do Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE) de São Paulo. A escolha foi feita em comum acordo pelo coordenador da bancada paulista do PMDB na Câmara, Roberto Rollemberg, e pelo coordenador da bancada paulista de deputados de todos os partidos.

QUEM GANHA E QUEM PERDE COM A ELEIÇÃO DE COVAS

Ganha		Perde	
			
Senador José Richa (PMDB-PR), 52	Deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), 48	Deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP), 70	Deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), 53
Disputa a 1ª vice-presidência nacional do PMDB, na vaga do governador de Minas Gerais, em vitória de Covas.	Volto há dois dias da Europa e tornou-se eleitor fervoroso de Covas. Vingou-se da derrota para Ulysses Guimarães nas eleições para a presidência da Câmara. Sempre pregou a descentralização dos poderes detidos por Ulysses.	O maior derrotado de ontem. Tentou afastar Covas da disputa, oferecendo-lhe até o cargo de relator da Comissão de Sistematização. Agora vai dividir com Covas o comando do Congresso constituinte. Ulysses queria chefiar tudo sozinho.	A situação de Sant'Anna (líder do governo), definia ontem pelo próprio Mário Covas: "Vou mandar se ele (Sant'Anna) vai mandar na Constituinte". Desde o início, Covas disse não reconhecer a autoridade de Sant'Anna na Constituinte.

Pefelista diz que resultado abala candidatura de Ulysses

O secretário-geral do PFL, deputado Saulo Queiroz (MS), disse que a vitória do senador Mário Covas no PMDB-SP, na disputa pela liderança do PMDB no Congresso constituinte, e o fim da carreira de Ulysses Guimarães, a vitória de Mário Covas, na opinião de Saulo Queiroz, muda o quadro da sucessão presidencial. O homem mais forte do PMDB, agora, é Mário Covas, segundo Saulo Queiroz.

Objetivo da reunião, segundo José Lourenço, é a escolha dos nomes

do PFL para a 1ª vice-presidência e 2ª secretaria do Congresso constituinte. José Lourenço não quis comentar as consequências, para a sucessão presidencial, da vitória de Covas. Lourenço limitou-se a elogiar Mário Covas.

O deputado Humberto Souto (PFL-MG), que disputa com o deputado Aloysio Chaves (PFL-PA) a 1ª vice-presidência do Congresso constituinte, se recusou também a comentar a vitória de Covas. Ele disse apenas que seu partido espera do líder do PMDB o cumprimento do acordo feito com o seu partido, segundo o qual cabe ao PFL a 1ª vice-presidência e a 2ª secretaria na Mesa diretora do Congresso constituinte.

Covas tentará renegociar cargos na Mesa Diretora

Já na condição de líder do PMDB no Congresso constituinte, o senador Mário Covas (SP) tentará, a partir de hoje, reiniciar negociações com o PFL para o preenchimento dos seis cargos da futura Mesa da Constituinte. A renegociação causará protestos no PFL, para quem um acordo, ainda que verbal, já tinha sido acertado anteriormente à tarde. Se não cumprir o acordo, o PMDB "liderará a ética", disse ontem o líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli (RS), 46.

Ontem à noite Covas disse que o acordo invocado pelo PFL não teria existido, mas apenas uma conversa preliminar. "Não houve propriamente um acordo" — disse Covas, citando informações de Ulysses Guimarães. Para o PFL, houve acordo. "E acordos têm que ser cumpridos" — acrescentou Chiarelli. Em princípio, a eleição da Mesa será na próxima terça-feira.

Carta das Mulheres reivindica direitos iguais na Constituição

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher distribuiu ontem, às lideranças políticas das Assembleias Legislativas estaduais, a "Carta das Mulheres", documento que reivindica a participação feminina na futura Constituição. Em São Paulo, as propostas foram entregues ao presidente da Assembleia Legislativa, Luiz Máximo (PMDB), pela presidenta do Conselho Estadual de Condição Feminina (CECF), Zuleika Alambert, em sessão realizada às 17h. Cereada por aproximadamente cinquenta mulheres, representantes de movimentos feministas autônomos, Zuleika Alambert, 64, disse que a intenção do ato é "pressionar" o Congresso constituinte a aceitar as reivindicações contidas na carta. "Somente um grande lobby nacional será capaz de sensibilizar os

constituintes", disse, referindo-se a uma manifestação marcada para o dia 26, em Brasília, que unificará o movimento. Além da Carta das Mulheres, foi entregue um outro trabalho, "Mulher e Constituinte", produzido pelo CECF. A presidenta da comissão de Constituinte do órgão, Zuleika Cobra Ribeiro, 42, disse que o documento visa garantir "direitos iguais ao do homem na sociedade, no trabalho e na família". Todos os documentos divulgados ontem sustentam propostas nas áreas de trabalho, educação, cultura, saúde e família. Em Porto Alegre (RS), a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul realizou à tarde uma sessão especial, a pedido da deputada Hilda Souza (PMDB), que leu da tribuna a "Carta das Mulheres".